

TECNOLOGIAS E CIBERCULTURA: PROBLEMATIZAÇÕES CONCEITUAIS A PARTIR DE PIERRE LÉVY

Technologies and Cyberculture: Conceptual thoughts from Pierre Lévy's perspective

Marcos Roberto Alves Oliveira¹

Resumo: Ao estudarmos a Cibercultura na perspectiva de Pierre Lévy, perceberemos a existência de certa unilateralidade, uma absolutização do ciberespaço e de seu papel na sociedade contemporânea. Isso se manifesta claramente na visão de Lévy quando o mesmo fala que o ciberespaço levará a uma reunificação da humanidade, transpondo as barreiras geográficas, históricas, culturais e de classe. Apesar dos grandes movimentos de dispersão e de aglutinação apontados pelo filósofo terem acontecido de fato, a maneira posta tende para uma explicação que naturaliza esse movimento, que o inscreve como independente dos conflitos e dos percalços históricos. Tudo isso partindo de uma crença que o resultado será positivo para a sociedade como um todo e para o desenvolvimento dos indivíduos. Porém, o movimento geral que está a se realizar não aponta objetivamente neste sentido, aliás, revela direção oposta, aprofundando problemas sociais, conflitos e disputas dentro do mundo do ciberespaço. Lançando à margem do processo milhões de seres humanos, regiões inteiras do globo, culturas e histórias. Mas, Lévy aponta isso como um processo natural, quase um darwinismo social e tecnológico que irá aprimorar a vida no planeta. Nesse sentido, o pensador Pierre Lévy não vê os conflitos sociais como elementos impulsionadores e decisivos das soluções e perspectivas dos processos em curso, mas como meros coadjuvantes de uma força maior, com sentido já determinado, o que irá configurar um futuro melhor. Visto desta forma, os conflitos representariam meros retardamentos do processo, onde deveríamos evitá-lo, nos reservando a condição de observadores e impulsionadores deste movimento pré-determinado.

Palavras-chaves: filosofia; cibercultura; tecnologias.

Abstract: By studying Cyberculture from Pierre Lévy's perspective, we will realize that there is a certain oneness and absolutizing of cyberspace and its role in contemporary society. This is manifested clearly in the view of Lévy when he says that cyberspace will lead to a reunification of mankind, crossing geographical, historical, cultural, and class barriers. Despite the great movements of dispersion and clumping appointed by the philosopher have actually happened, the way he puts the explanation naturalizes this movement, by making it an independent part of the historical conflicts and mishaps. All of this is done by starting from a belief that the outcome will be positive for society as a whole and for the development of individuals. However, the general movement that is being realized does not point objectively in this sense, moreover it reveals the opposite direction, by deepening social problems, conflicts and disputes within the world of cyberspace, by putting aside millions of human beings, entire regions of the globe, cultures and histories. But Lévy points out it is a natural process, almost a technological and social Darwinism that will improve life on the planet. In this sense, the thinker Pierre Lévy does not see social conflict as a booster element and decisive for the solutions and perspectives of the ongoing processes, but as mere adjuncts of a larger force, with a sense already determined, which will set a better future. Seen this way, the conflicts represent mere slowness of the process, where we should avoid it but assuming the position of observers and drivers of this predetermined movement.

Keywords: philosophy; cyberculture; technologies.

¹ Graduado em Filosofia - UFMA; Especialista em Metodologia do Ensino Superior - UFMA; Especialista em Tecnologias da Informação para Educadores - UFRGS; Mestre em Ética e Epistemologia - UFPI; Tutor e professor pesquisador do Curso de Filosofia à distância da UEMANet; Professor e Chefe do Departamento de Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Timon polo da Universidade Estadual do Maranhão (CESTI-UEMA); *E-mail:* markus.aquiles@gmail.com

INTRODUÇÃO

O pensador francês Pierre Lévy, é um dos pesquisadores pioneiros sobre o tema ciberespaço. Seus trabalhos fazem uma análise antropológica da nova dimensão social, com uma visão bastante polêmica. É indiscutível a importância das contribuições de Lévy para o pensamento sobre o ciberespaço, por sua originalidade e por auxiliar a desvendar traços fundamentais do seu funcionamento.

Entretanto, apesar de sua visão otimista para o mundo, sobre o usufruto das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) através do ciberespaço, como uma forma de “unificação da humanidade” pela cibercultura, pondo em contato os bilhões de cérebros e constituindo o que o autor chama de “hipercórtex”, um grande cérebro, arquivo de toda produção e memória humana (LÉVY, 1999), mostrar-se-á e se fará também problematizações de alguns pontos levantados pelo autor sobre cibercultura, através de alguns críticos que se opuseram a seus posicionamentos.

1. PROBLEMATIZANDO OS CONCEITOS BÁSICOS DE PIERRE LÉVY

Ao estudarmos a Cibercultura na perspectiva de Pierre Lévy, percebe-se a existência de certa unilateralidade, uma absolutização do ciberespaço e de seu papel na sociedade contemporânea.

Isso se manifesta claramente na visão de Lévy quando fala que o ciberespaço levará a uma “reunificação da humanidade”, transpondo as barreiras geográficas, históricas, culturais e de classe. Apesar de os grandes movimentos de dispersão e de aglutinação por ele apontado terem acontecido de fato, a maneira posta tende para uma explicação que naturaliza esse movimento, que o inscreve como independente dos conflitos e dos percalços históricos.

Nessa concepção está embutida uma ideia de que existe um movimento determinado, independente dos homens, dos conflitos sociais, das opções de soluções históricas, que está a se realizar. Um movimento que se compararia à expansão e contração do cosmos, mas em termos sociais, na dispersão e na integração social. Que movimento é esse? Que forças o alimentam? Qual o papel do homem produtor de cultura e da tecnologia neste processo?

Ao responder estas questões Lévy nos remete a uma visão messiânica do social. Para ele este movimento seria algo latente, natural, determinado. Homem e tecnologia aparecem nesse raciocínio como meros instrumentos desta conexão planetária que não tem explicitado objetivos nítidos, senão elementos que podem até se confundir com profecias do próprio autor.

Diante dessa visão, Lévy nos propõe uma aceitação integral deste movimento, sem questionamento, sem interferências, reconhecendo que nosso papel é de meros expectadores de um processo que acontece independente e apesar de nós. Ou melhor, a nós restaria simplesmente a possibilidade de dar sentido a este processo sem questioná-lo. Pior do que isso, ele procura responsabilizar quem diverge quem pensa diferente, dos resultados que o movimento real produz.

Pintando a realidade de maneira mais sombria, (como muitas mídias o fazem), organizando a recusa ao movimento real, fabricando uma consciência esquizofrênica que odeia o mundo que a alimenta e que habita, esses intelectuais não ajudam as pessoas às quais eles se dirigem: contribuem para desencaminhá-las (LÉVY, 2001, p. 58).

Tudo isso partindo de uma crença que o resultado será positivo para a sociedade como um todo e para o desenvolvimento dos indivíduos, Porém, o movimento geral que está a se realizar não aponta objetivamente neste sentido, aliás, revela direção oposta, aprofundando problemas sociais, conflitos e disputas. Lançando à margem do processo milhões de seres humanos, regiões inteiras do globo, culturas e histórias. Mas, o autor aponta isso como um processo natural, quase um darwinismo social e tecnológico que irá aprimorar a vida no planeta.

Mas, segundo Primo:

(...) o estudo das tensões percorrem todo o ciberespaço. Os discursos tentadores de que a facilitada comunicação através da Internet promoverá por se só mais bem estar, amizade, crescimento intelectual e nos conduzirá finalmente a um regime mais democrático esconde deliberadamente toda a discórdia e mesmo hostilidade debaixo do tapete. Os slogans cativantes de construção de um mundo “mais humano” a partir de mais comunicação também ignoram que o conflito é próprio do humano e que comunicação não é sinônimo de transmissão inquestionável nem de intercâmbio consensual (2007, p. 198).

Assim, não veem os conflitos sociais como elementos impulsionadores e decisivos das soluções e perspectivas dos processos em curso, mas como meros coadjuvantes de uma força maior, com sentido já determinado, que irá configurar um futuro melhor. Visto desta forma o processo, ele aponta que os conflitos representam retardamento do processo e, portanto, deveríamos evitá-lo, nos reservando a condição de observadores e impulsionadores deste movimento pré-determinado.

Afirmando Lévy (2001, p. 57) que “não importa o que pensemos, que sejamos contra ou a favor, devemos admitir que a maior parte dos indícios de que dispomos apontam para um futuro cada vez mais marcado pelo mercado capitalista, a ciência e a técnica”.

No entanto, essa passividade, se vista diante de outra perspectiva de sociedade, mais conflitiva e disputada, é um elemento que interessa sobremaneira às forças hegemônicas do processo de globalização, onde “(...) nas novas condições históricas, a produtividade é gerada, e a concorrência é feita em rede global de interação entre redes empresariais” (CASTELLS, 1999, p. 119).

Os trabalhos de Lévy, em especial os mais recentes, acabam por se tornar verdadeiras formas de dominação e à hegemonização, em especial da cultura e do modelo político-econômico neoliberal, que emana do centro do império capitalista mundial que são os Estados Unidos da América.

O império mundial sob a dominação norte-americana mais ou menos branda – hoje em vias de consolidação – logo não terá mais nenhum rival. Mas não serão os Estados Unidos, serão os Estados Unidos-Mundo, uma terra integralmente povoada por imigrantes, nômades culturais (LÉVY, 2001, p.211).

O próprio autor não esconde sua admiração pelo império e seu apoio praticamente irrestrito à cultura que dele emana.

2. A REJEIÇÃO DA CRÍTICA

Outro aspecto polêmico do pensador francês é a visão de que a crítica não cabe mais, e de que o atual curso das coisas é irreversível ou inalterável. O processo de análise e

de crítica realizado no âmbito da sociedade parte do pressuposto de que a história, no que pese condicionantes objetivos, é também uma construção da ação consciente do Homem, e que, portanto, o mesmo não pode e não deve ser mero espectador. Mas, a visão de Lévy revela uma concepção inversa, afirmando que a ação humana deve somente se dar no curso pré-determinado pela técnica ou por um movimento histórico mais geral. Não vendo possibilidade alguma de reversibilidade do processo. Afirmando que, “(...) uma vez que constatamos isso, uma escolha se abre para nós: ou denunciar e criticar essa tendência irreversível ou tentar compreendê-la e dar-lhe sentido” (LEVY, 2001, p. 57).

Como não vê possibilidades de reversão, o autor dirige à crítica do processo em curso, acusações, e procura nela a responsabilidade por ressentimentos e ódios causados pela exclusão, pela crise social.

Em contrapartida, a maior parte da ‘crítica’ contemporânea da globalização capitalista, da cibercultura ou da tecnociência, infelizmente, trabalha mais para ampliar o ressentimento e o ódio do que para promover uma visão positiva do futuro. É justamente o movimento irreversível em direção ao futuro – a tendência efetivamente em curso – que ela condena (LÉVY, 2001, p.53).

Sua visão de que a dominação atual é negativa, mas, que vai nos conduzir a um futuro comum positivo não passa de profissão de fé, ou um subterfúgio em relação às possibilidades sombrias que podem advir desta dominação. Está a serviço, na prática, das idéias e modelos dominantes a partir do império norte-americano e do pensamento neoliberal.

Ao abstrair os conflitos, ao pensar que a mera pregação de valores humanos e morais serão suficientes para que a sociedade seja mais justa, o autor acaba por somar-se aos que, na prática, a fazem mais injusta e desigual. Isso, porque seu credo não apela à participação e a análise crítica, mas busca meramente no emocional, o sentido. Por isso, em suas produções mais recentes, como no caso do capítulo *A Economia Virtual* do livro *A conexão Planetária*, fica difícil separar o que é pensamento social com esforço científico, do que é profecia, poesia, manifesto espiritual.

3. A VISÃO DE CULTURA

Ao longo de seus trabalhos, Pierre Lévy não deixa claro um conceito de cultura. Em passagens de seu trabalho aparecem definições distintas. Numa delas, ele apresenta de maneira concreta a questão da cultura como a “dinâmica das representações”, sem aprofundar esta definição. Mas, a distinção traçada entre cultura (dinâmica das representações), sociedade (as pessoas, seus laços, suas trocas, suas relações de força) e técnica (artefatos eficazes) só pode ser conceitual (LÉVY, 1999, p. 22).

Em outro momento, o autor define cultura como sendo “uma fusão de mundos”, procurando registrar que a cultura é fruto de um impulso permanente de ser humano de inventar, imaginar, participar da criação. Lévy propõe que vejamos cultura com a distinção de dois aspectos fundamentais da tradição: cultura identitária e cultura de linhagem. O primeiro aspecto, a cultura identitária, aponta essencialmente para a reprodução, de maneira idêntica, de certas formas de vidas, com suas dimensões estética, lingüística, técnica, econômica, demográfica e outras (LÉVY, 2001, p.156).

No entanto, para Lévy, o aspecto identitário é limitador por nos fechar para a alteridade de fora de nosso grupo, de nossa língua, de nosso país. Ele propõe que depois de termos fincado nossas raízes localmente, que evoluamos para um planeta mais interligado, numa relação mais aberta para outros humanos que foram produzidos em culturas e línguas específicas em outros momentos, mas que agora podem se encontrar num processo

novo de metamorfoses das maneiras de ser e de fazer sociedade, que, segundo ele, caracterizam a nova fase do devir humano. “Iremos nos encontrar diante de escolhas cada vez mais vastas de ‘tribos’, de linhagens, de estilos de vida aos quais poderemos decidir se integrar ou não” (LÉVY, 2001, p. 127).

Neste sentido ele propõe claramente a superação da cultura identitária, pois ela leva a impasses, a fechamentos, ao estranhamento do outro, do diferente.

É necessário lembrar aqui as absurdas guerras de religiões, as guerras étnicas, as guerras raciais, as guerras nacionais, as guerras imperiais, as guerras civis, ideológicas, sociais e regionais, os genocídios, os etnocídios, todas as horríveis guerras que fizeram a triste situação do século XX, da qual muitos dentre nós carregam ainda os ferimentos em seus corpos e almas. O que resta de todas essas guerras? Quando vamos aprender que somos destruídos por aquilo que imaginamos que nos separa? (LÉVY, 2001, p.128).

O segundo aspecto que ele analisa da cultura é a linhagem. Para ele, diferente da cultura identitária, a linhagem tem uma marca distintiva por ser “potencialmente universal”. Uma linhagem é uma inteligência coletiva que se desdobra no tempo. Ela nasce geralmente em simbiose com uma cultura identitária ou no cruzamento de várias delas, pois, ela se reproduz se reinventando, atravessando várias culturas, várias épocas (LÉVY, 2001, p. 128-129).

Na visão de Lévy, as linhagens devem ser impulsionadas, desenvolvidas, pois elas são transculturais e podem atravessar todas as fronteiras. Como exemplo de linhagens, o autor cita o cristianismo, o judaísmo, o budismo, assim como a música de Beethoven ou Verdi.

Com esta visão de dois aspectos diferenciados da cultura, o autor propõe o desenvolvimento das linhagens, essa inteligência coletiva dos tempos, em detrimento das culturas identitárias, que são precisamente a parte mortal da cultura.

É preciso registrar que o autor faz uma crítica ácida à chamada cultura da modernidade, por seus aspectos identitários e que aponta que o surgimento da cibercultura abre outras perspectivas, uma cultura que será uma ruptura com as visões estáticas, restritivas, atrasadas da cultura anterior. O autor vê na cibercultura a configuração de uma nova cultura não somente no ambiente do ciberespaço, mas como elemento que vai modificar toda a cultura da sociedade.

4. A CIBERCULTURA

A visão de Pierre Lévy está voltada para o importante papel que a cibercultura tem na reconfiguração cultural em curso. Por esse papel decisivo, seu esforço teórico se volta para identificar os traços fundamentais desta cultura que estaria formatando a cultura geral.

Assim, uma primeira visão apresentada pelo autor é extremamente a de que a cultura geral está sendo profundamente alterada a partir da cultura específica do ciberespaço, num movimento claro de generalização dos traços específicos para a configuração do geral.

Por isso, sobram de sua parte as críticas e visões céticas sobre a cultura pré-existente ao ciberespaço. Cultura que, segundo ele, apesar das distorções e de valores complementemente superados, teve como virtude importante gerar esta nova dimensão de renovação social: o ciberespaço.

Portanto, apesar de apresentar como relação de determinação, o autor define a cibercultura como a referência que estaria a formatar a cultura contemporânea. Esse

processo é apresentado como verdadeira revolução de valores e de visão de mundo, comparável ao surgimento da escrita ou até mesmo mais importante. Ele caracteriza esse processo como “mutação antropológica” em curso. Para melhor entendermos sua visão, é importante analisarmos como ele conceitua cibercultura e seus traços principais.

Como cibercultura, ele identifica todo o processo de mutação de formas de trabalhar, se relacionar, de ter sociabilidade, realizada a partir da existência do ciberespaço e de suas características novas. Para ele, a essência da cibercultura é “o universal sem totalidade”, que ele caracteriza da seguinte forma. “Quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna ‘universal’, e menos o mundo informacional se torna totalizável. O universal da cibercultura não possui nem centro nem linha diretriz. É vazio, sem conteúdo particular” (LÉVY, 1999, p. 111).

Neste sentido, ele vê a cibercultura como universo indeterminado, pois a cada novo nó de acesso cresce as possibilidades de indeterminação, de alteração, de mudança de curso do que está disponível e do que está a se renovar. “Essa universalidade desprovida de significação central, esse sistema de desordem, essa transparência labiríntica, chamo-a de ‘universal sem totalidade’. Constituem a essência paradoxal da cibercultura” (LÉVY, 1999, p. 111).

No entanto, logo em seguida o autor registra uma característica que contradiz, em certa medida esta eterna abertura para a diferença e a multiplicidade de formas. Ele afirma esta característica quando trata dos sistemas operacionais, mas a afirma como uma tendência geral. “De fato, o ciberespaço funciona como alguns sistemas ecológicos: a longo prazo, um determinado ‘nicho’ não pode acolher um número muito grande de espécies concorrentes. A variedade inicial desaparece em proveito de alguns formas de vida dominantes” (LÉVY, 1999, p. 112).

Essa visão não aparece somente neste trecho. Em outra obra, essa visão de que é de se esperar e até de se desejar que determinadas formas e forças preponderem volta a aparecer quando ele afirma a necessidade de estabelecimento de verdadeiros monopólios globais nos setores de serviço.

Mas, o centro de sua argumentação está claramente no aspecto de universalidade da cibercultura. Sua visão é bastante otimista quanto a isso. “Quaisquer que sejam seus avatares no futuro, podemos dizer que todos os elementos do ciberespaço continuarão progredindo rumo à integração, à interconexão, ao estabelecimento de sistemas cada vez mais interdependentes, universais e ‘transparentes’” (LÉVY, 1999, p. 113).

O autor avalia que a cibercultura além de ser sistematicamente e universalizante em si, oferece infraestrutura para que este processo se dê em segundo plano também em outros fenômenos techno-sociais como: finanças, comércio, pesquisa científica, mídias, transporte, produção industrial etc. “Melhor ainda, assegura a condição de possibilidade de uma progressão na universalização e coerência funcional, organizacional e operacional dos outros sistemas” (LÉVY, 1999, p. 113).

Na sua visão, a cibercultura é cada vez mais toda a cultura, já que tudo se direciona pra ela. A idéia de que toda a subjetividade, toda a produção intelectual a ela se dirige faz com ele veja a cibercultura como a cultura do novo tempo. “Observemos esse processo quase embriogênico: a aparição de um hiperdocumento produzido e lido virtualmente por todos, a emergência de um metatexto que contém potencialmente todas as mensagens e os entretecidos” (LÉVY, 2001, p. 140).

Outro traço que ele ressalta como inovador é o de que quem ocupa mais espaço na Internet não tira espaço de ninguém, pois não se trata de território limitado. Nela cabem todas as culturas, todas as singularidades, indefinidamente.

Portanto, o ciberespaço e a cibercultura seriam um marco na evolução da própria consciência humana, que agora se veria conectada completamente, num único espaço virtual. “O computador (ou o ciberespaço) faz a consciência humana passar a um nível

superior, isto é, permite-lhe entrar em contato consigo mesma e se unificar – aqui e agora – na escala da espécie” (LÉVY, 2001, p. 147-148).

5. O TODO E A PARTE: UMA CRÍTICA A PIERRE LÉVY

Apesar de não apontar como determinação, o caráter que a cibercultura teria em relação ao todo cultural, na sua construção teórica fica explícito que o pensador francês tem convicções de que a matriz da cibercultura irá reconfigurar não só a cultura, mas até mesmo o modelo civilizatório.

Lévy vê na cibercultura o elemento de conexão das subjetividades humanas e, assim, analisa que a partir dela toda a sociedade assumirá novas perspectivas, que a seu ver, são essencialmente positivas.

O que chama a atenção é que como o autor desqualifica a cultura pré-existente e idealiza uma cultura que surgirá meramente porque existe um programa acima da sociedade que está a ser realizada e que o ciberespaço será instrumento de realização. A migração que existe de fato das dimensões sociais pré-existentes para a dimensão do ciberespaço é pouco tratada, ou tratada de maneira mistificadora.

Como afirma Rudiger:

Depois de ler Nietzsche, Heidegger observou que a essência da técnica não é algo de técnico mas sim um certo modo de ser do homem, no qual este corre perigos, que é o de alienar – talvez para sempre – sua própria existência. A proposição não é expressão tecnofóbica de alguém enganado pela ideia dos pretensos “bons tempos de antigamente”, pois sabe-se que ao filósofo de modo algum caía bem o papel de homem piedoso. Diversos sinais sugerem que, passando ao estágio cibernético, o homem parece inclinado a pôr a si mesmo esse destino e, de acordo com seus interesses declaradamente supramorais, “não deseje mais preservar qualquer coisa de humano no que essa diria a respeito das noções de integridade, supremacia e inviolabilidade” (2002, p. 57).

Pouco importa se a luz do pensamento nietzschiano, isso possa fazer surgir uma versão *high-tech* do ideal ascético, uma negação moral que redimensiona tecnicamente a existência, à medida que de fato parece rondar a cibercultura uma vontade de se livrar do corpo e do mundo totalmente reativa e metafísica.

Pois, segundo seus porta-vozes mais extremados:

(...) quanto mais os ambientes mediáticos se expandem, proliferam e se desenvolvem como estruturas autônomas, menos o ambiente orgânico é necessário. Desse modo, pode ser que, em virtude da expansão global das redes de telecomunicações, o ambiente biológico desapareça, não por causa de algum castigo divino, mas apenas porque ele terá perdido todo o interesse para os agentes de sua replicação tecnológica (RUDIGER, 2002, p. 58).

Acontece que a cibercultura não está imune de conflitos, convicções, crenças e construções simbólicas presentes em toda a sociedade. Com eles dialoga, troca, interage. Mais que isso: é a sociedade que definirá se os potenciais positivos de fato existentes no ciberespaço se realizam ou não. De acordo com Primo (2007, p. 198) “(...) cooperação e conflito não se opõem. Pode-se até sentenciar que interagir é, pelo contrário, estar em conflito. (...) Comunicação é não somente produção, mas também disputa de sentidos. Logo, negar o conflito seria negar a própria possibilidade de comunicação.”

Não se muda a sociedade senão através dela mesma. Creditar a uma nova dimensão social, como o ciberespaço, uma ação redentora do social não nos parece adequado. Mas, podemos ver de outra forma, nas interações, nas trocas, na relação entre esta dimensão e as pré-existentes um processo de renovação de práticas e sentidos sociais. Não como processo automático, mas como mediações sociais.

Pode-se perceber que Pierre Lévy, recorta uma parte, de certo importante da cultura contemporânea, e acaba por esquecer sua relação dinâmica com o todo cultural. Essa parcialização acaba por restringir o universo cultural que o mesmo aborda, tornando seu trabalho mais voltado para o que deveria ser o ciberespaço do que propriamente uma análise do todo.

Não conseguiremos entender a cibercultura somente a partir do ciberespaço. A cibercultura é e será produto das tensões sociais, das configurações renovadas do todo comunicacional, das mudanças reais e efetivas do social, da renovação de valores e das trocas simbólicas, tendo como condicionante ou potencializador o ciberespaço.

Assim, a visão de Lévy subestima a realidade social, suas disputas, seus conflitos e faz apologia à cibercultura, nos remete à hipótese de que o mesmo sonha com que seja produzida uma cultura “limpa” e “positiva” no âmbito do ciberespaço, diferente de tudo o que acontece no social. O que certamente não ocorrerá, porque o ciberespaço, no que pese influenciar práticas sociais decisivas, não substituirá completamente as outras dimensões e nem resolverá um conjunto de pendências e disputas sociais que movem a sociedade.

Enfim, só podemos entender a cibercultura como parte do todo que é a cultura contemporânea, em profunda mudança, mas não somente em função da emergência do ciberespaço, mas por variados elementos que já estão configurando a sociedade com a qual nos deparamos com os seus impasses e tensões.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (Vol. 1)

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **A conexão planetária**. São Paulo: Editora 34, 2001.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulinas, 2007. (Coleção Cibercultura)

RUDIGER, Francisco. **Elementos para à crítica da cibercultura: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.